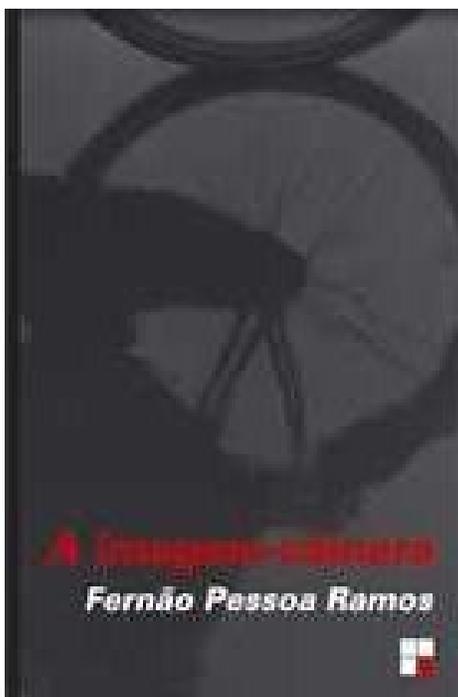


Sobre Ramos, Fernão Pessoa. *A imagem-câmera*. Campinas/SP: Papyrus, 2012. 192 pp. ISBN: 978-85-308-0958-4.

por Gabriel Tonelo*



A imagem-câmera, publicado em setembro de 2012, é o novo livro do Prof. Dr. Fernão Pessoa Ramos. Conhecido pesquisador brasileiro de cinema, Ramos foi organizador de obras referenciais como a *Enciclopédia do Cinema Brasileiro* (São Paulo: Editora SENAC, 2000), e dos dois tomos de *Teoria Contemporânea do Cinema* (São Paulo: Editora SENAC, 2005); autor de livros como *Cinema Marginal: a representação em seu limite* (São Paulo: Brasiliense, 1987) e, mais recentemente, *Mas Afinal... o que é mesmo documentário?* (São Paulo: Editora SENAC, 2008).

O autor ocupa uma posição de destaque atualmente como pesquisador e teórico do campo do Cinema Documentário, concretizada no livro publicado em 2008. Em *Mas Afinal...*, o autor desenvolve uma profunda investigação que tem como objetivo trazer à luz as especificidades que dizem respeito à enunciação do filme documentário, desenvolvendo valorosos conceitos como o de encenação em suas diferentes formas, relacionando-as com filmes-chave da linha histórica do documentário e atendo-se, ainda, a realizar uma investigação sobre alguns episódios do documentarismo brasileiro.

Em *A imagem-câmera*, entretanto, Ramos nos propicia uma investigação conceitual que não diz respeito especificamente à enunciação documentária

mas, sim, a questões globais da representação cinematográfica. Um dos motivos para isso reside no fato de que, como o autor nos explica na introdução da obra, trata-se de uma obra escrita na juventude e que permaneceu "no fundo do baú" por muitas décadas, vindo finalmente à luz.

Dessa forma, o autor revisita os fundamentos da matéria prima dominante do Cinema - a imagem cinematográfica - postulando as diversas características que a tornam específica em sua forma de ser. O trabalho conceitual de cunho fenomenológico uma vez exposto por Ramos em *Mas Afinal...*, portanto, é mostrado em sua gênese em *A imagem-câmera*. Questões ontológicas a respeito da imagem fílmica, já valorizadas no livro de 2008 em conceitos como o do sujeito-da-câmera, a mediação do aparato fílmico (câmera) e o transcorrer da tomada, são aqui aprofundados e analisados minuciosamente.

Dividido em três partes, o livro ocupa-se primeiramente de expor analiticamente o pensamento de autores da corrente fenomenológica. O autor revela um profundo trabalho de imersão em obras de autores franceses da década de 1950 e 1960, tais quais Jean Pierre Meunier, Jean Mitry e Amédée Aylfre, cujas análises permaneciam, ainda, pouco expostas em língua portuguesa. Albert Laffay e André Bazin, cujos textos já haviam sido comentados pelo autor no livro de 2008, têm o devido lugar novamente em *A imagem-câmera*, fazendo respirar ideias abafadas pelo estruturalismo semiológico e, posteriormente, pelo pós-estruturalismo, as quais, após setenta anos, mostram-se não menos atuais.

A elaboração de conceitos *per se* acontece na segunda e na terceira parte do livro, "O Sujeito-da-Câmera" e "A Imagem-Câmera como Forma Reflexa". A elaboração do conceito do sujeito-da-câmera torna-se fundamental para a análise posterior. Trata-se de propor uma unidade indissociável entre o aparato fílmico (a câmera) e a individualidade que a faz funcionar (filmar), inserindo-a na circunstância determinada pelo momento do processo. O autor revela a

particularidade do conceito ao incorporar a fruição espectral como o efetivador do fenômeno: ao assistirmos à determinada imagem em movimento, somos remetidos à circunstância espaço-temporal em que o aparato fílmico teve seu mecanismo detonado por uma individualidade. A especificidade da imagem-câmera em remeter-nos como espectadores à circunstância da tomada, portanto, torna-se o elemento-chave a partir do qual o autor analisa diversas particularidades e situações limites aplicadas ao sujeito-da-câmera: de seu ocultamento e sua morte a situações corriqueiras como a da imagem ao vivo. Sob essa base conceitual o autor analisa outros elementos constitutivos da forma cinematográfica, como as propriedades reflexas da imagem-câmera, movimento, trucagem e tempo, cerceando todos seus elementos dominantes.

Podemos extrair uma passagem de *A imagem-câmera* que evoca o ponto de vista do autor em relação ao fundamento do sujeito-da-câmera, discutido reiteradamente ao longo da obra:

Embora a câmera contemporânea nos traga hoje belas imagens que impressionam pela qualidade, muitas vezes, elas são prejudicadas por uma decupagem que se reduz ao ritmo televisivo, desperdiçando o material que possuem. Perde-se o respirar na cadência própria do que se filma, contido no plano em sua extensão. Não se trata de reduzir o filme a um plano único ou a uma sucessão de planos de longa duração, mas de conseguir articular a disposição da imagem-câmera em movimento à natureza do que, sendo radicalmente outro, veio se oferecer na tomada, interagindo em sua presença com o sujeito-da-câmera. O desafio está em fazer com que a transformação em filme, baseada na articulação em planos, não abafe o núcleo de sua constituição: a experiência do sujeito-da-câmera na tomada, interagindo com algo próximo ao que seria a subjetividade-outrem, experiência de si por olhos animais, mas do ponto de vista deles, presença diante de outrem, em comutação intersubjetiva, mas numa situação de mundo que é aquela experimentada pelo próprio animal. É por ele, através de sua posição, que podemos isolar em tipo a

impossibilidade limítrofe daquela máxima que atrás definimos como núcleo da fruição espectral da imagem-câmera: "eu sou eu no outro". A presença do sujeito-da-câmera para e pelo espectador pode nos aproximar do que seria essa experiência fascinante no campo de uma exponencial metafísica. (pp.100-101)

Este pequeno trecho – como tantos outros que constituem *A imagem-câmera* - demonstram preocupações do autor que se tratam, em nível mais profundo, de prover uma evocação da intrinsecidade da imagem e da forma cinematográfica, bem como de uma valorização do Cinema que faz transpirar sua particularidade. Em um período de intensa transformação tecnológica em relação à captação da imagem fílmica e uma maior acessibilidade aos dispositivos fílmicos, a obra revisita questionamentos que devem ser fundamentais tanto àqueles que consomem cinema quanto àqueles que queiram aventurar-se em sua feitura. Não é o caso de militar pela soberania de determinado gênero narrativo (seja ficcional ou não-ficcional) mas, sim, de enxergar ternura no Cinema e na forma audiovisual que lida com sua matéria-prima de uma maneira pulsante e vívida. Uma leitura de *A imagem-câmera* promete que os exemplos saltarão cada vez mais aos olhos do leitor e que este experiencie seu papel, seja como realizador ou espectador, de forma, certamente, distinta.

* Gabriel Tonelo é documentarista e pesquisador em cinema documentário. Graduou-se em Comunicação Social - Midialogia na Universidade Estadual de Campinas (2009). Mestre (2012) pelo Programa de Pós-Graduação em Mídias da mesma instituição, onde atualmente desenvolve pesquisa de Doutorado. E-mail: gtonelo@gmail.com